

# Consciência histórica na pesquisa sobre mídia: o caso da pesquisa sobre Tecnologias da Informação e Comunicação

## *Historic consciousness in media research: The case of research on Information and Communication Technologies*

**Pedro Henrique B. Reis**

pedro.reis.hb@gmail.com

Doutor em Comunicação Social pela PUC-RS/FAMECOS, Estagiário Pós-Doutoral no POSCOM/UFSM.

### Resumo

Neste trabalho, através de uma averiguação de dados parciais obtidos em pesquisa de campo sobre os usos e práticas de Tecnologias da Informação e Comunicação com plantadores de tabaco da microrregião do Vale do Sol, em Santa Cruz do Sul, objetivamos problematizar o conhecimento obtido através de entrevistas em profundidade e semiestruturadas, oferecendo a categoria de consciência histórica como uma que é prevalecente ao se incitar os informantes a narrarem suas vidas com e através das mídias (tradicionais e novas). O objetivo central é problematizar o tipo de conhecimento que pode ser obtido através de pesquisas com aportes socioantropológicos e de cunho empírico.

**Palavras-chave:** pesquisa empírica, consciência histórica, Tecnologias da Informação e Comunicação.

### Abstract

In this paper, taking as a starting point an inquiry into partial data obtained in field research with tobacco farmers in Santa Cruz do Sul's micro-region of Vale do Sol about the uses and practices of Information and Communication Technologies, we aim at investigating the kinds of knowledge produced through depth and semi-structured interviews. We offer the category of historic consciousness as a prevailing one when urging informants to narrate their lives with and through media (be it traditional or new media). The main goal here is to better understand the kinds of knowledge produced in research with socio-anthropological and empirical guidelines.

**Keywords:** empirical research, historical consciousness, Information and Communications Technologies.

No curso de pesquisas de cunho etnográfico, com aportes socioantropológicos, são muitas questões que se apresentam ao pesquisador que busca contextualizar ou compreender as narrativas fornecidas por informantes acerca de suas vivências com e através das mídias. Entre elas figuram a utilização de dados censitários, a estratégia para as entrevistas diretas com sujeitos das situações recortadas para o trabalho investigativo, a hermenêutica apropriada para desconstruir formulários propositivos, sejam eles estruturados, semiestruturados ou livres, e até

mesmo conversas e vivências expostas nas entrevistas e pelo pesquisador em sua ida a campo. Talvez a maior dessas problemáticas seja o arranjo final entre cada micrometodologia e a constituição de dados finais. Deixando essas indagações como um pano de fundo, procuramos ressaltar nesse artigo algumas problemáticas não de cunho metodológico – ainda que possam ser e, a nosso ver, certamente serão dessa competência – mas sim de cunho teórico e epistemológico que advêm nos primeiros passos de uma pesquisa qualitativa com essas características e que pode

e já enfrentou essas dificuldades. O objetivo aqui é problematizar dados parciais obtidos com informantes de maneira a tornar visíveis questões hermenêuticas e próprias do conhecimento adquirido através dos métodos empregados, em especial de seu escopo.

Encontramo-nos, devemos ressaltar, no seio de uma pesquisa *maior*<sup>1</sup>. É no curso de duas saídas de campo e entrevistas com duas famílias produtoras de tabaco que surgem essas questões que esse trabalho se propõe problematizar. Esses dados parciais, obtidos com aplicação de formulário objetivo/estruturado (primeira saída de campo) e entrevistas coletivas/semiestruturadas (segunda saída de campo), serão nosso principal objeto. Nosso objetivo aqui é tensionar as questões teóricas que balizam o exercício prático que busca colher as *falas*, depoimentos, dessas pessoas, no contexto da produção rural familiar, para averiguar como elas, no seu contexto cultural e no exercício de suas atividades de trabalho e subsistência, apropriam-se e que práticas criam e desenvolvem ao redor das chamadas Tecnologias da Informação e Comunicação ou TICs. A problemática, portanto, é a de que tipo de conhecimento é gerado e absorvido pela pesquisa, que tem um recorte específico, mas que, ao desenvolver-se através de métodos *abertos*, acaba por permitir aos informantes (re)contextualizar suas experiências propriamente com e através das mídias no seio de outros *panos de fundo* e de outros conhecimentos.

O método até agora empregado nessas saídas de campo foi frutífero, resultando em entrevistas abertas que poderiam ser caracterizadas como *narrativas biográficas*, ou, amparados em Cavarero (2000), *narrativas-de-si*. Elas serão a base para nossas indagações; são elas nosso objeto. Para tanto, faremos um excuro pelos aportes teóricos que balizam a pesquisa de escopo maior à qual nos ligamos, objetivando problematizar esses aportes, trazendo aprofundamentos e novas contribuições junto a essas *falas*. A questão central envolvida aqui é a da “voz enquanto processo” e enquanto “valor” (Couldry, 2010) e como essa relação é abarcada na própria ideia de uma narrativa-de-si e da apresentação de um “modo de vida” (segundo a apropriação que, novamente, Couldry, 2012, faz do conceito de Wittgenstein, 2014), sem deixar de lado uma *ida à origem* do próprio conceito de “consciência histórica” como

1 Uma pesquisa à qual nos associamos através do programa de Pós-Doutoramento Júnior (PDJ) do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e da pesquisa da Professora Doutora Ana Carolina Escosteguy, acolhida por financiamento da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior), que une o Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade dos Meios de Comunicação (FAMECOS) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e o Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) e que, provisoriamente, se intitula “Práticas e Usos das Tecnologias da Informação e Comunicação no Meio Rural da Região Tabageira do Vale do Sol – Santa Cruz”.

um saber dado pelo estar-no-mundo de cada sujeito ou que se revela e amplia no projeto de vida e cotidiano de cada um deles e neles todos juntos enquanto núcleos familiares. Em outras palavras, nossa preocupação é a soma das operações mentais com as quais os sujeitos podem interpretar suas experiências frente à passagem do tempo, como transformação inexorável de si mesmos e do mundo que lhes é exterior (Rüsen, 2001), e como isso se revela através da *fala*.

É a fala, enquanto processo duplo ou metaprocessos da voz, que nos interessa aqui, exatamente por se tratar de uma avaliação preliminar acerca de dados de uma outra pesquisa. Esperamos aqui amparar essa pesquisa e melhorar as escolhas metodológicas pontuais aplicadas no decorrer dela.

## Voz e história

A pesquisa maior à qual nos associamos busca reconstituir práticas cotidianas e investigar experiências de apropriação das TICs por um determinado grupo social. Ela se foca em famílias ligadas à cadeia da produção agroindustrial do tabaco na microrregião de Santa Cruz do Sul, em especial, nas saídas de campo enfocadas aqui, a região chamada Vale do Sol, e é um esforço conjunto da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, e da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), em Santa Cruz do Sul. Ela se pergunta como é a relação desses núcleos familiares com as TICs. Seu caráter socioantropológico visa recortar essas tecnologias enquanto artefatos domésticos e propriamente meios de comunicação, e para tal utiliza-se de dois movimentos de averiguação empírica: um levantamento de dados mediante o uso de formulário sociocultural que sonda as tecnologias presentes no cotidiano dos lares das famílias e posterior entrevista em profundidade junto aos membros individuais dos núcleos familiares ou junto ao núcleo familiar (entrevistas coletivas), buscando, então, compreender a relação desses com as tecnologias da comunicação (imprensa, rádio, televisão, computador com ou sem acesso à Internet e telefonia móvel também com ou sem acesso à Internet).

Para todas essas famílias, o doméstico, que se caracteriza pela vida familiar, e todas as suas relações e dinâmicas, inclusive e especialmente de posse e econômicas, *acontecem* no mesmo *espaço-tempo* da produção econômica. Denominaremos essas famílias de K e V e chamaremos seus membros específicos de pai-K, mãe-K, filha-K, filho-K, mãe-V, pai-V, filho-V. A família K, portanto, é constituída por quatro membros: o casal e dois filhos, e a família V consiste em um casal e seu filho. A mãe-K tem 37 anos, trabalha na produção agrícola, mas cuida principalmente dos afazeres da casa. O pai-K tem 39 e se encarrega

principalmente da produção agrícola. Seus dois filhos têm respectivamente, 20 e 11 – o filho-K tem escolaridade completa e curso técnico, a filha-K está cursando o sexto ano; os pais têm, respectivamente, estudo até a quarta e quinta série. O casal-V é mais jovem; ambos têm 30 anos e ambos dividem mais as suas funções entre o doméstico e o plantio. O filho-V é mais jovem também, tem 8 anos e cursa o terceiro ano. A mãe-V teve escolaridade até o segundo ano do ensino médio, assim como o pai-V.

O recorte que constituímos para objeto da discussão presente são as entrevistas coletivas feitas depois da aplicação do formulário. Nesse momento temos a oportunidade de contrastar as falas dos membros dessas famílias. O pesquisador tem a oportunidade de uma primeira aproximação com essas pessoas, deixando que falem mais livremente sobre suas histórias de vida e sobre a adoção das TICs em sua vida cotidiana e profissional, visto que as atividades domésticas, as relações familiares e a produção econômica ocupam o mesmo espaço-tempo em suas vidas.

E é aí que já notamos as duas categorias que queremos problematizar nesse esforço. É nessas conversas de cunho quase informal (gravadas com permissão dos entrevistados e transcritas posteriormente) que notamos o relacionamento da consciência histórica com a manifestação do metaprocessamento da voz. Primeiramente podemos averiguar em diversas falas, especialmente do pai-K e do pai-V, uma racionalidade específica para tratar da passagem do tempo e das transformações por que suas comunidades agroindustriais passaram desde a geração de seus pais (ou até mesmo avós), também produtores de tabaco na mesma região (e por vezes na mesmíssima propriedade).

*Pai-V: “Hoje a vida no campo aqui é, ela é mais tranquila, mais, ahn, mais organizada como er... Antigamente era muito mais **pegada** a coisa, se pegava mais no cabo da enxada. Hoje em dia já não é tão assim”.*

Ou:

*Pai-K: “É, viver é muito bom, né. Tem os seus pós e seus contras, né. Eu, eu pelo menos penso assim. Pela distância [até a região central do município de Vale do Sol] que a gente tem que se locomove quando é pra um comércio, alguma coisa, é um, é um contra, né. Mas a tranquilidade de viver aqui não se compara a lugar nenhum, né. Então a gente vive tranquilo. Cada um faz o que que [sic] da vida. É muito bom viver aqui”<sup>2</sup>.*

Se a consciência histórica não é apenas um fenômeno tipicamente moderno (Gadamer, 2003), temos de atribuí-la

<sup>2</sup> As transcrições buscaram ser fiéis às expressões e tipologias idiomáticas típicas da região.

a um aspecto da narratividade-de-si. Nesses trechos recordados acima, os dois pais das famílias discorrem, primeiramente, sobre a mobilidade temporal e, segundo, sobre a mobilidade geográfica. Mas o que liga os dois comentários é a narrativa-de-si e a percepção das transformações: o pai-V jamais deixara a região em que mora e expressa a transformação *temporal* da geografia (social e econômica) desse lugar e da principal atividade produtiva à qual ainda se liga. Já o pai-K, que em outras partes da entrevista revela frequentar a região central de Santa Cruz – especialmente a negócios – narra a diferença entre morar no campo, sua atual habitação, e as características que a cidade *grande* adquiriu ao longo do tempo. A filha do casal-K revela em outra parte que “tem medo de morar na cidade grande”, onde “tem muita gente louca” e é perigoso, e o filho-K narra a experiência de um mês morando na cidade – “um mês eu aguentei, daí eu voltei”.

O que se coloca como problema aqui, problema que aparece ao pesquisador através do acionamento da *voz* do sujeito entrevistado, é a que conceito de consciência histórica podemos aderir. De qualquer forma, como aponta Cerri (2001, p. 101), esse conceito sempre “pressupõe o indivíduo existindo em grupo, tomando-se em referência aos demais, de modo que a percepção e a significação do tempo só pode ser coletiva”. Porém, encontramos na situação de avaliar se esse conceito segue a linha que Hans-Georg Gadamer (2003) pressupõe, de que se trata de fenômeno tipicamente moderno, ou de Jörn Rüsen (2001), que pensa esse tipo de atividade mental que orienta a prática cotidiana e a vida material humana como sendo inerente ao homem.

Para Gadamer (2003, p. 17), trata-se de uma tomada de consciência que acontece através do que ele chama de “plena consciência da historicidade de todo presente e da relatividade de toda opinião”.

Somos impelidos aqui a colocar essa afirmação de Gadamer na perspectiva central da pesquisa à qual nos ligamos. Essa “consciência da historicidade de todo presente e da relatividade de toda opinião”, no âmbito urbano, pode certamente se dever, em uma primeira aproximação, à própria condição do viver urbano contemporâneo – cidades cada vez mais populosas e povoadas por povos de diferentes etnias, credos, origens geográficas, etc. Mas podemos fazer a mesma afirmação categórica acerca de viventes no âmbito rural? Ao que parece, e tomando as falas recortadas acima, o espaço-tempo do rural continua sendo *privilegiado* por seu isolamento geográfico e pelas estáticas características étnicas que compõem a população<sup>3</sup>. Por que então é perceptível nessas narrativas-de-si

<sup>3</sup> A pesquisa inicial geográfica e censitária conduzida na região denota que a população segue sendo de ascendência alemã, que as trocas ou vendas de terras se mantiveram dentro das famílias ou, no máximo, dentro dos mesmos grupos censitários (por exemplo, agricultores que adquirem as terras de outros ex-agricultores que faleceram sem deixar

exatamente a manifestação desse fenômeno apontado por Gadamer?

Pensamos que seria prudente balizar as novas saídas de campo com a premissa de desvendar essa característica, isso é, de forma mais pontual. Entretanto, aqui, com as falas que temos à mão e que são posicionadas a fim de falar da vivência dos sujeitos *junto* com as mídias (Couldry, 2012), antecipamos que é essa chegada dos meios ao âmbito rural que, se não possibilita, facilita ou acelera o processo.

*Pai-V: “Eu sou um cara que se eu posso, eu, eu, se eu posso olha notícia eu olho. Se to na Internet, é só notícia... No contexto geral, o que tá acontecendo eu gosto de ver. Então... então rádio [também], né”.*

Ao encarmos o conceito de voz como algo que faz mais do que “valorizar a voz ou atos de fala particulares”, como um conceito que “valoriza toda a habilidade humana de narrar a si próprio”, estamos falando de “si-mesmos narráveis” (ou *narratable selves*) (Cavarero, 2000; Couldry, 2010). Mas esses si-mesmos são, e Cavarero articula as problemáticas propostas em Arendt (2008) e Butler (2011), antes de mais nada existentes de carne e osso que têm “suas identidades reveladas *ex post facto* através das palavras de sua história-de-vida” (Cavarero, 2000, p. xiii). O si-mesmo se torna narrável exatamente na conjunção, portanto, de sua vivência e de sua consciência histórica como algo inescapável, visto que toda a vida humana depende também de momentos de reflexão interior e conhecimento do mundo diretamente externo ao si-mesmo e, através de *meios variados*, também do mundo indiretamente externo.

Os meios são também por onde a voz, enquanto “valor de valores” (Couldry, 2010, p. 2), encontra sua materialização e sua exclusão. Eles não são apenas veículos de materialização e exclusão de uma determinada consciência histórica específica a uma determinada localidade, regionalidade ou nacionalidade – eles operam também como índices. Ao se narrar, esse *si-mesmo* evidencia emoções e, ao qualificá-las (ou até mesmo quantificá-las) através das ações de fala ou de expressão (que hoje encontram reverberação nas comunidades digitais, nas redes sociais *online*, etc.), ele está “adscrevendo importância” (Taylor, 1985, p. 50) e, ao mesmo tempo, dando testemunho sobre como aqueles meios também adscrevem importância. Ao fazermos isso, “nós escolhemos o que em cada situação nos dá base para nossos sentimentos, o que poderia dar base, ou ainda o que deveria dar base, se nós não sentimos nada ou se temos sentimentos inapropriados” (Taylor, 1985, p. 49).

herdeiros ou que eles mesmos ou seus herdeiros deixaram para trás como parte dos múltiplos processos de êxodo rural pelos quais a região passou nos últimos cem anos).

A questão que nos colocamos e que achamos que é pertinente à pesquisa maior à qual nos ligamos é como operar uma pesquisa de cunho socioantropológico, caracteristicamente etnográfica, com uma população específica e com o objetivo específico de evidenciar as transformações na vida profissional, pessoal e familiar desses indivíduos após a adoção ou acesso às Tecnologias da Informação e Comunicação. Um dos principais caracteres a serem investigados é o impacto da chegada das chamadas novas tecnologias, como computadores e telefones celulares com acesso à Internet. Essas tecnologias são problemáticas em si mesmas, até por uma longa tradição na filosofia ocidental acerca da questão da técnica (balizada por inúmeros autores, com destaque para Martin Heidegger, Jacques Ellul e inclusive o próprio Hans-Georg Gadamer, de que nos valem aqui). Quando as coadunamos com questões eminentemente sociopolíticas e questões de construção das identidades individuais e subjetivas e de como elas são parte de um processo maior, podemos dar visibilidade à narrativa-de-si.

Sendo ela um processo mental que é inerente à condição humana, mas que é diretamente formatado e transformado pelas vivências e experiências, a narrativa-de-si é parte fundamental da compreensão da voz, então, não apenas como um “valor de valores”, mas também como um processo, um processo complexo que envolve diversas estruturas. As relações interpessoais entre esses sujeitos, dentro e diretamente fora da família (especialmente com outros sujeitos que igualmente se identificam enquanto produtores da cadeia agroindustrial do tabaco), se dão em múltiplas plataformas além do *ao vivo*.

*Pai-K: “É, a mais viciada no **Face** é ela. Eu já, eu já procuro mais olha um documentário ou vê alguma coisa, assim, que, que me chame a atenção. Às vezes, me xingam: ‘bá, o que é que tu olha esse negócio de, de agricultura ou sei lá o que de floresta, né’. Mas eu gosto”.*

*Mãe-K: “Mas porque, porque ele, eu não tenho carteira de motorista, né. E ele tem. Daí ele sai muitas vezes, às vezes porque falta uma coisa pra compra, né, ou uma reunião, ou leva vizinho no médico, coisas assim, né, e eu fico mais em casa. Sem pode conversar com outras pessoas. E, daí, se eu entro no **Face**, eu conversa com as minhas amigas, né?”.*

Essas estruturas são efetivações dos modos de vida desses sujeitos. Modos esses que são guiados pela consciência histórica que se (re)forma na apreensão do seu mundo direta e indiretamente exterior (como dissemos antes, o imediatamente exterior e o exterior mais distante – respectivamente a região do Vale do Sol, a região de Santa Cruz e assim por diante, passando pela região sudoeste do Estado do Rio Grande do Sul, até o próprio estado, país,

etc.). A voz, então, é *duplamente um processo de segunda ordem* – ela é um processo, primeiramente por ser uma ação de fala ou exposição da qual nenhum humano pode se ver livre, mas é, ao mesmo tempo, um processo sobre processos; um metavalor, um valor que *fala* de outros valores, uma expressão que indica aquilo que é *importante* ao mesmo tempo que expressa e expõe o indivíduo.

*Mesmo antes que um outro possa tornar tangível a identidade de alguém ao contar a história dele ou dela, muitos outros foram de fato espectadores da exposição constitutiva dessa mesma identidade com o seu olhar. Em outras palavras, um ser humano [...] é [sempre] exposto (Cavarero, 2000, p. 20).*

Em suma, o que podemos articular da passagem de Cavarero, quando a equacionamos ao valor da voz enquanto aquilo ou aquele que fala sobre valores, sobre aquilo que importa a ele mesmo, é que não apenas “os homens fazem a sua própria história”, mas “não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, ligadas e transmitidas pelo passado” (Marx, 1961, *ap.* Cerri, 2001, p. 93) e tensionadas no encontro constante com um outro que é, em si mesmo, um si-mesmo narrável. A consciência desse processo dentro do que Agnes Heller chama de “regimes de historicidade” (2000) é em si mesma um processo da capacidade desse sujeito de narrar a si mesmo em seu estar-no-mundo, onde ele se expõe a outros aos quais já estaria necessariamente exposto. É a dualidade que vimos antes de que cada sujeito é também, portanto, um ser perceptor de carne e osso entre outros seres perceptores de carne e osso – aí que vemos a importância da voz como processo. É também a dualidade da consciência histórica: os regimes de historicidade não são mais definidos ou limitados pelos regimes de oralidade ou socialidade ou nem mesmo geográficos – aí que vemos a importância da voz como valor. As duas importâncias são articuladas pela entrada dos meios de comunicação ditos tradicionais, como televisão, rádio e imprensa, na apresentação de informações e modulações distantes, mas que são inteligíveis pelos receptores, e as ditas novas tecnologias, como o computador e o celular com acesso à Internet, que modulam a própria presença (ou o *ser-aí*) da voz e da *cognoscibilidade* dos outros e dos fatos através de miríades de fontes e modos.

As falas citadas diretamente acima revelam exatamente isso. Dois modos de vida – o do homem, propriamente encarregado de “tomar as rédeas”, como ele mesmo diz em outra fala, da propriedade rural, e o da mulher, isolada no trabalho doméstico. Mesmo que os modos de vida se mantenham caracteristicamente tradicionais em termos de divisão do trabalho (inclusive doméstico), eles são,

cada um a seu modo, afetados pela entrada das TICs na sua cotidianidade. A ver aqui fica a característica da transformação da historicidade enquanto narrativa-de-si – dos sujeitos enquanto si-mesmos narráveis.

*Mãe-V: “Quando botaram esse negócio [o computador] eu disse ‘eu vô fica longe, eu não quero nem chega perto disso aí. Daí ele [pai-V] foi, é [faz gesto com as mãos simulando uso do teclado do computador] daí ele começou a mexe e daqui uns dias, ah daí eu sentei, comecei a aperta também e assim, né. Aí...”*

*Filho-V: Daí depois a mãe não saía mais”.*

Em outro momento é o pai-V que coloca uma questão similar:

*Pai-V: “Isso até é estranho no interior [falando sobre a chegada do computador com acesso à Internet], que nem eu, eu acompanhei essa. Antigamente, TV era poucos que tinham. Então, eu, eu, acompanhei e isso foi muito rápido. Aí veio, daí ‘ah, alguém compro antena que funciona, ah, então’. Tinha aquelas caixinha, ainda...”*

Em diversas outras falas, familiares K e V revelam uma arguta astúcia em perceber e encaixar em suas narrativas-de-si as transformações sociais. Os dados censitários da região (disponíveis em websites do Governo Estadual e Federal) fazem eco às falas: os processos de êxodo e retorno ao rural, o manutenção dos níveis de produção, ainda que as propriedades sejam de tamanho similar às encontradas há 20 ou 30 anos na região e as famílias tenham diminuído. Não apenas as TICs, mas o desenvolvimento da tecnologia – sejam insumos agrícolas, maquinário ou biotecnologia aplicada à própria planta do tabaco – tem caráter prioritário na vida do agricultor enquanto si-mesmo narrável. Elas são protagonistas de uma história não apenas do desenvolvimento socioeconômico, mas igualmente pessoal. São partícipes da consciência histórica, pois são parte do que leva o sujeito até elas e, a partir delas, constrói e expressa a si mesmo.

É esse caráter duplo – não apenas da voz, enquanto processo e “valor de valores”, nem também apenas da consciência histórica, como relação do sujeito com seu passado e como formação contínua ocasionada pelo encontro dos sujeitos com seu mundo direta e indiretamente exterior – de mediação ao qual precisamos atentar quando encaramos as TICs em sua apropriação e nas práticas que são construídas ao redor e com elas. Elas são meios que se distinguem porque, sobretudo, ativa, interativa e passivamente, criam laços entre famílias e membros individuais das mesmas, bem como com o mundo que está fora da moldura do lar (Silverstone, Hirsch e Morley, 1994).

*[Os valores do dinheiro e da mídia] são vulneráveis ao trabalho ativo e reativo de indivíduos e lares [leia-se: espaços domésticos] enquanto eles transformam e traduzem as ofertas públicas e alienantes da economia formal em termos acessíveis e aceitáveis (Silverstone, Hirsch e Morley, 1994, p. 14).*

A família, portanto, se inclui nessa *duplicidade* que já encontramos nos termos que balizam nossos aportes teóricos. Se a voz é dupla, processo e valor, se a consciência histórica é dupla, regime de historicidade e conhecimento do exterior que se dá pela experiência, se a narrativa-de-si é dupla, porque é exposição do já exposto ao outro, o núcleo familiar, as relações mais íntimas dos indivíduos são igualmente duplas. Elas são “economias de sentidos e uma economia significante” (“economy of meanings and a meaningful economy”) (Silverstone, Hirsch e Morley, 1994, p. 16), porque

*[...] as tecnologias da informação e comunicação definem tanto como algumas das principais rotas das biografias de ideias e sentidos, informação e prazeres, são construídas, mas também como elas mesmas, enquanto objetos e coisas, têm suas próprias biografias ao se tornarem também **domesticadas** dentro de distintas culturas familiares e lares (Silverstone, Hirsch e Morley, 1994, p. 16).*

## Conclusões preliminares

Aqui chegamos, então, finalmente ao ponto de expor uma sinalização sobre a pesquisa à qual nos aliamos e, ambiciosamente, buscar demonstrar a validade desses pontos para outras pesquisas de mesma natureza socio-antropológica e de cunho etnográfico. Um modelo derivado da crítica de produtos da mídia pode servir muito bem ao investigador aqui – o que Fredric Jameson (1979 *apud* Kellner, 2001) chama de “dupla hermenêutica”. Um movimento interpretativo que atente à popularização (ou acessibilidade econômica, social, intelectual, geográfica, etc.) das TICs ao mesmo tempo que se debruce sobre as funções ideológicas, históricas e historicizantes, que operam através delas e nas práticas que são construídas pelos indivíduos ao redor delas. Assim, cabe ao investigador conceber – tanto previamente, na composição de seus instrumentos de pesquisa, quanto posteriormente, no trabalho de reconstrução dos dados e da hermenêutica das falas – que, nos dados obtidos e ao entrar na vida dos informantes, ele obtém mais do que apenas dados propositivos acerca da matéria estudada. Ao deixar o informante falar, acaba-se por permitir que este reconstitua o arco da

sua vida e daquilo que lhe é próprio numa narrativa de si, fazendo dele um si-mesmo narrável, e dos Outros, seus familiares e pessoas próximas, ao mesmo tempo si-mesmos narráveis e objeto de contextualização das vivências. O conhecimento gerado na aplicação dessas entrevistas é apenas pontualmente, e devido à fórmula hermenêutica utilizada pelo pesquisador, um conhecimento acerca daquilo que se buscava conhecer. Há um *excedente* de conhecimento gerado que precisa ser (re)absorvido pelo escopo geral da pesquisa a fim de que se complete um duplo movimento preocupado em “reconstruir todo o arco das operações mediante as quais a experiência prática dá a si mesma obras, autores e leitores” (Ricoeur, 2010, p. 95) (e não apenas no sentido dado por Ricoeur, de produções artísticas, mas também de feitos enquanto obras, autores enquanto agentes e leitores enquanto esse Outro que compartilha das vivências do informante).

Esta estratégia, mais do que uma metodologia, se encarrega de uma função pré e pós-reflexiva: de aceitar na preparação para a coleta de dados e na interpretação desses que “o tempo [só] torna-se tempo humano [e histórico] na medida em que está articulado de modo narrativo, e a narrativa [só] alcança sua significação plenária quando se torna uma condição da existência temporal” (Ricoeur, 2010, p. 93). Não se trata apenas de uma hermenêutica *a posteriori* das entrevistas, dos dados de formulários ou dados censitários obtidos através de agências de fomento agrícola ou outras quaisquer. Trata-se, sim, de abarcar no seio das estratégias de pesquisa – nos instrumentos aplicados aos sujeitos, na lida com os materiais prévios, etc. – uma perspectiva sempre duplicada de apreensão das condições dos sujeitos através de suas narrativas e expansão contínua do escopo de contextualização da pesquisa, sempre atentando para algum novo conhecimento fornecido através da fala/narrativa que pode modificar a compreensão do objeto ou objetos selecionados. Assim, as entrevistas em profundidade precisam focar exatamente o valor da voz, da fala enquanto elocução, mas também igualmente enquanto um processo limitado por forças ou regimes históricos, que se articula *sobre os meios*. Uma fala a respeito dos meios, ainda que seus usos e práticas difiram da participação na narratividade-de-si elaborada pelo sujeito/informante, é uma fala que acontece nesses meios, recebida pelos sujeitos/informantes, na mídia mais tradicional, e como parte de uma interação contínua entre diversos outros sujeitos e possíveis informantes, nas novas tecnologias.

Não há justificativa para transformar a experiência de investigação etnográfica que busca reconstruir através das *histórias de vida* desses sujeitos seus *modos de vida* numa estratégia endurecida de caráter quase completamente quantitativo e objetivo. No entanto, é preciso balizar as entrevistas – sejam aquelas conduzidas com toda a família ou com membros individuais – para que não se-

jam apenas uma narrativa-de-si, mas uma narrativa-de-si que possa trazer ao informante um direcionamento para que construa essa narrativa *com os meios* e, como nos diz Couldry, “na presença da mídia” (Couldry, 2012, s. p.). Só assim podemos começar a “entender como essas recentes transformações serão integradas na vida cotidiana” (Couldry, 2012, s. p.), tendo sempre em mente o recorte e a compreensão do que é *recente*, de que tipos de *transformações* estamos falando e que são vividas pelos sujeitos/informantes e qual o registro dessa vida cotidiana muito específica.

Compreender e interpretar, portanto, as narrativas-de-si desses sujeitos deve ser um trabalho hermenêutico que abarque a historicidade desses sujeitos específicos, em suas histórias de vida específicas. Devemos buscar que se abarque e se contemple, da maneira mais plena possível, compreender que, ao ouvi-los estamos, enquanto pesquisadores e investigadores, dando-lhes uma voz que já faz parte de seu cotidiano e que eles podem ouvir, eles mesmos, reverberada ou não nos meios que fazem parte de suas vidas e pelos quais eles se expressam. Ao interpelarmos o informante para que narre a si mesmo, esse “eu” do qual ele nos fala jamais está separado “da matriz de normas éticas dominantes e das estruturas morais” (Butler, 2005, p. 7). Incluído aí sempre está mais do que apenas as impressões ou a revelação dos usos e das práticas das mídias. Aí sempre está presente o *ser-aí* de cada sujeito e como ele se vê em seu “mundo imaginado” – onde “imaginação” é sempre “parte de uma prática social” (Appadurai, 1996, p. 31 e 33).

## Referências

- APPADURAI, Arjun. 1996. *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis, Minneapolis University Press.
- ARENDT, Hannah. 2008. *A condição humana*. São Paulo, Editora Forense Universitária.
- BUTLER, Judith. 2005. *Giving an Account of Oneself*. New York, Fordham University Press.
- BUTLER, Judith. 2011. *Bodies that Matter: On the Discursive Limits of “Sex”*. Abingdon, UK, Routledge.
- CAVARERO, Adriana. 2000. *Relating Narratives – Storytelling and Selfhood*. New York, Routledge.
- CERRI, Luis Fernando. 2001. Os conceitos de consciência histórica e os desafios da Didática da História. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, PR, 6(2):93-112.
- COULDRY, Nick. 2010. *Why Voice Matters: Culture and Politics after Neoliberalism*. London, Sage Publications.
- COULDRY, Nick. 2012. *Media, Society, World: Social Theory and Digital Media Practice*. Cambridge, UK, Polity Press (e-book versão Kindle).
- GADAMER, Hans-Georg. 2003. *O problema da consciência histórica*. Rio de Janeiro, Editora FGV.
- HELLER, Agnes. 2000. *O cotidiano e a História*. São Paulo, Paz e Terra.
- KELLNER, Douglas. 2001. *A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru, EDUSC.
- MARRERA, Fernando Milani; SOUZA, Uirys Alves. 2013. A tipologia da consciência histórica em Rügen. *Revista Latino-Americana de História*, São Leopoldo, PPGH-Unisinos, 2(6):1069-1078, ago.
- MARX, Karl. 1961. O Dezoito Brumário de Luis Bonaparte. In: K. MARX; F. ENGELS, *Obras escolhidas*. Rio de Janeiro, Vitória, vol. I.
- RICOEUR, 2010. *Tempo e narrativa 1: A intriga e a narrativa histórica*. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes.
- RÜSEN, Jörn. 2001. *Razão histórica: teoria da História – os fundamentos da ciência histórica*. Brasília, Editora Universidade de Brasília.
- SILVERSTONE, Roger; HIRSCH, Eric; MORLEY, David. 1994. *Consuming Technologies: Media and Information in Domestic Spaces*. London, Routledge.
- TAYLOR, Charles. 1985. *Human Agency and Language: Philosophical Papers I*. Cambridge, UK, Cambridge University Press.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. 2014. *Investigações filosóficas*. Petrópolis, Vozes; Bragança Paulista, Editora Universitária São Francisco.

Artigo submetido em 29-06-2015

Aceito em 26-01-2017